



Jovens e adultos da periferia: a fronteira entre as drogas e o ingresso nas universidades

Notas sobre a experiência urbana dos jovens negros: as drogas, as prisões e a morte

Jaime Amparo-Alves
amparoalves@gmail.com

Todo camburão tem um pouco de navio negroiro
[Rappa]

Não é segredo para ninguém: existe uma guerra contra jovens negros pobres urbanos. Morar na periferia de São Paulo, Recife, Rio de Janeiro, Salvador, entre outras, é estar exposto à morte prematura. O Mapa da Violência 2006, da Unesco, dá a dimensão do massacre: aproximadamente 50 mil pessoas são assassinadas todos os anos no Brasil. A maioria das mortes acontece na faixa etária entre 15 e 25 anos de idade. E mais: homens negros têm 75% a mais de chance de serem assassinados do que homens brancos na mesma idade. Em São Paulo, eles têm 101.0% a mais de chances de serem mortos. Na idade entre 15-24 anos, morrem 45.1 jovens brancos para cada grupo de 100 mil habitantes; na outra extremidade, morrem 90.7 jovens pretos e pardos para cada grupo de 100 mil habitantes. E os números são ainda piores em estados como Pernambuco, Alagoas e Distrito Federal, onde a taxa de assassinato de jovens negros supera 300% a dos jovens brancos¹.

A carne mais barata do mercado é a carne negra
[Seu Jorge / Marcelo Yuca / Ulisses Cappelletti]

Que diabo acontece com a democracia racial brasileira? Qual a explicação para a morte prematura de homens negros pelas mãos de agentes do estado? O argumento que quero defender aqui é simples e direto: a morte de homens jovens negros nas periferias urbanas brasileiras é parte do que Abdias do Nascimentoⁱⁱ apropriadamente denomina como ‘o genocídio do povo negro’. A contenção dos corpos negros nas favelas da hiper-periferia paulistana, o assassinato de jovens com tiros nas costas por agentes do estado, a superlotação das prisões, o inferno do transporte público, o desemprego em massa e a exclusão do acesso a universidade devem também ser lidos como estratégias de dominação racial no Brasil urbano. Nesse sentido, já é bem familiar para nós como o Estado tem respondido `a luta da juventude negra pelo direito `a existência. Com porrada!

A cor do crime

*Navio não sobe morro doutor, aeroporto no morro não tem/ la também não tem
fronteira, estrada, barreira pra ver quem é quem.*
[Bezerra da Silva]

Um ponto ainda por ser debatido, no entanto, é qual o impacto da guerra contra as drogas, emcampada pela Secretaria de Segurança Pública, na população negra jovem. Embora o consumo de drogas ilícitas esteja disseminado no país, os principais usuários são os jovens brancos de classe média. No entanto, as forças de repressão ao tráfico de entorpecentes se volta para a juventude negra das periferias urbanas. A matemática racial é a seguinte: a polícia não procura por drogas entre os jovens da classe média porque eles são vistos apenas como usuários, não são vistos como traficantes. Para jovens negros apanhados com um papelote de maconha não vale a mesma regra: são traficantes. E se não forem, são ‘obrigados’ a confessar que o são. Para que não haja dúvida quanto ao nosso raciocínio, se liga aí: uso de drogas ilícitas é um assunto de saúde pública; o tráfico de drogas é caso de polícia.

**Antes te houvessem rôto na batalha
Que servires a um povo de mortalha! (..)
Andrada, arranca esse pendão dos ares!...
Colombo, fecha a porta de teus mares!
[Castro Alves]**

Se há uma política estatal da qual o povo negro não precisa de ações afirmativas, é a política de combate as drogas e a violência urbana. Os efeitos perversos de tais políticas raciais podem ser notados na destruição das famílias negras. Os corpos antes sequestrados de Africa, agora são sequestrados na favela, no meio da madrugada, pelos novos capitães do mato. Faça o experimento e vá ao presídio mais perto da sua casa no domingo em horário de visita: ali está uma fila infindável de corpos negros em busca de informações sobre outros corpos capturados pelo estado. Mulheres negras e homens negros têm mais chances de serem presos do que qualquer outro grupo. E embora não tenhamos acesso ao perfil racial da população carcerária, os negros são os alvos preferenciais não só da polícia e dos bandidos, mas também do judiciário.ⁱⁱⁱ A equação é simples: a polícia encontra drogas apenas na favela porque a polícia procura por drogas apenas na favela. Homens e mulheres negras têm desproporcional contato com a justiça porque são os elementos preferenciais das suspeitas policiais^{iv}.

Um caso emblemático para ajudar a contextualizar a discussão: na última semana de março a Polícia Federal prendeu Eliana Tranchesi, proprietária da loja de produtos de luxo Daslu, por sonegação fiscal que pode chegar a 10 milhões de dólares, formação de quadrilha, fraude em importações e falsificação de documentos. Condenada a 94 anos de prisão, Eliana ficou apenas 30 horas atrás das grades. A outra face da mesma moeda é que a juventude negra (mulheres e homens) apodrece nas sucursais do inferno, muitas das vezes sob suspeitas infundadas, flagrantes forjados, ou confissões arrancadas sob tortura.

A paz é fruto da justiça

O Brasil do século XXI é um país muito perigoso porque sem justiça não pode haver paz. Impossível compactuar com o cinismo cruel daqueles que negando a existência do racismo, lucram com suas identidades brancas. Ainda que empregue a força das armas ou a força do Direito penal, não há sistema de opressão que resista a luta do povo organizado. Do quilombo a universidade pública, a palavra de ordem é: continuar a luta de Zumbi e multiplicar a experiência de Palmares. Se a favela é vista pela classe média e pela mídia como o lugar dos sujos e malditos, transformemos a periferia no espaço de gestação do Brasil que queremos. Para isso, nossa luta contra o racismo é também uma luta contra todas as formas de opressão (contra as mulheres, nordestinos, gays, lesbianas e tantas outras categorias) estruturantes da dominação racial no Brasil.

Questões para discussão:

- 1) Quais as causas da violência urbana no Brasil? Discuta as causas estruturais e os principais desafios para o povo negro.
- 2) Qual a relação entre a guerra contra as drogas e a guerra contra a juventude negra, sugerida pelo autor?
- 3) Como o seu núcleo tem discutido estratégias contra o racismo? Qual o papel das mulheres negras em sua comunidade?

Não é segredo para ninguém: existe uma guerra contra jovens negros pobres urbanos. Morar na periferia de São Paulo, Recife, Rio de Janeiro, Salvador, entre outras, é estar exposto à morte prematura. O Mapa da Violência 2006, da Unesco, dá a dimensão do massacre: aproximadamente 50 mil pessoas são assassinadas todos os anos no Brasil. A maioria das mortes acontece na faixa etária entre 15 e 25 anos de idade. E mais: homens negros têm 75% a mais de chance de serem assassinados do que homens brancos na mesma idade. Em São Paulo, eles têm 101.0% a mais de chances de serem mortos. Na idade entre 15-24 anos, morrem 45.1 jovens brancos para cada grupo de 100 mil habitantes; na outra extremidade, morrem 90.7 jovens pretos e pardos para cada grupo de 100 mil habitantes. E os números são ainda piores em

estados como Pernambuco, Alagoas e Distrito Federal, onde a taxa de assassinato de jovens negros supera 300% a dos jovens brancos^v.

A carne mais barata do mercado é a carne negra
[Seu Jorge / Marcelo Yuca / Ulisses Cappelletti]

Que diabo acontece com a democracia racial brasileira? Qual a explicação para a morte prematura de homens negros pelas mãos de agentes do estado? O argumento que quero defender aqui é simples e direto: a morte de homens jovens negros nas periferias urbanas brasileiras é parte do que Abdias do Nascimento^{vi} apropriadamente denomina como ‘o genocídio do povo negro’. A contenção dos corpos negros nas favelas da hiper-periferia paulistana, o assassinato de jovens com tiros nas costas por agentes do estado, a superlotação das prisões, o inferno do transporte público, o desemprego em massa e a exclusão do acesso a universidade devem também ser lidos como estratégias de dominação racial no Brasil urbano. Nesse sentido, já é bem familiar para nós como o Estado tem respondido `a luta da juventude negra pelo direito `a existência. Com porrada!

A cor do crime

*Navio não sobe morro doutor, aeroporto no morro não tem/ la também não tem
fronteira, estrada, barreira pra ver quem é quem.*
[Bezerra da Silva]

Um ponto ainda por ser debatido, no entanto, é qual o impacto da guerra contra as drogas, encampada pela Secretaria de Segurança Pública, na população negra jovem. Embora o consumo de drogas ilícitas esteja disseminado no país, os principais usuários são os jovens brancos de classe média. No entanto, as forças de repressão ao tráfico de entorpecentes se volta para a juventude negra das periferias urbanas. A matemática racial é a seguinte: a polícia não procura por drogas entre os jovens da classe média porque eles são vistos apenas como usuários, não são vistos como traficantes. Para jovens negros apanhados com um papelote de maconha não vale a mesma regra: são traficantes. E se não forem, são ‘obrigados’ a confessar que o são. Para que não haja dúvida quanto ao nosso raciocínio, se liga aí: uso de drogas ilícitas é um assunto de saúde pública; o tráfico de drogas é caso de polícia.

**Antes te houvessem rôto na batalha
Que servires a um povo de mortalha! (..)
Andrada, arranca esse pendão dos ares!...
Colombo, fecha a porta de teus mares!**
[Castro Alves]

Se há uma política estatal da qual o povo negro não precisa de ações afirmativas, é a política de combate as drogas e a violência urbana. Os efeitos perversos de tais políticas raciais podem ser notados na destruição das famílias negras. Os corpos antes sequestrados de Africa, agora são sequestrados na favela, no meio da madrugada, pelos novos capitães do mato. Faça o experimento e vá ao presídio mais perto da sua casa no domingo em horário de visita: ali está uma fila infundável de corpos negros em busca de informações sobre outros corpos capturados pelo estado. Mulheres negras e homens negros têm mais chances de serem presos do que qualquer outro grupo. E embora não tenhamos acesso ao perfil racial da população carcerária, os negros são os alvos preferenciais não só da polícia e dos bandidos, mas também do judiciário.^{vii} A equação é simples: a policia encontra drogas apenas na favela porque a polícia procura por drogas apenas na favela. Homens e mulheres negras têm desproporcional contato com a justiça porque são os elementos preferenciais das suspeitas policiais^{viii}.

Um caso emblemático para ajudar a contextualizar a discussão: na última semana de março a Polícia Federal prendeu Eliana Tranchesi, proprietária da loja de produtos de luxo Daslu, por sonegação fiscal que pode chegar a 10 milhões de dólares, formação de quadrilha, fraude em importações e falsificação de documentos. Condenada a 94 anos de prisão, Eliana ficou apenas 30 horas atrás das grades. A outra face da mesma moeda é que a juventude negra (mulheres e homens) apodrece nas sucursais do

inferno, muitas das vezes sob suspeitas infundadas, flagrantes forjados, ou confissões arrancadas sob tortura.

A paz é fruto da justiça

O Brasil do século XXI é um país muito perigoso porque sem justiça não pode haver paz. Impossível compactuar com o cinismo cruel daqueles que negando a existência do racismo, lucram com suas identidades brancas. Ainda que empregue a força das armas ou a força do Direito penal, não há sistema de opressão que resista a luta do povo organizado. Do quilombo a universidade pública, a palavra de ordem é: continuar a luta de Zumbi e multiplicar a experiência de Palmares. Se a favela é vista pela classe média e pela mídia como o lugar dos sujos e malditos, transformemos a periferia no espaço de gestação do Brasil que queremos. Para isso, nossa luta contra o racismo é também uma luta contra todas as formas de opressão (contra as mulheres, nordestinos, gays, lesbianas e tantas outras categorias) estruturantes da dominação racial no Brasil.

Questões para discussão:

- 4) Quais as causas da violência urbana no Brasil? Discuta as causas estruturais e os principais desafios para o povo negro.
- 5) Qual a relação entre a guerra contra as drogas e a guerra contra a juventude negra, sugerida pelo autor?
- 6) Como o seu núcleo tem discutido estratégias contra o racismo? Qual o papel das mulheres negras em sua comunidade?

ⁱ Waiselfisz, Julio Jacobo. *O Mapa da Violência: Os Jovens do Brasil*. Unesco: Brasília, 2006.

ⁱⁱ Abdias do Nascimento. *O genocídio do negro brasileiro : processo de um racismo mascarado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

ⁱⁱⁱ Adorno, Sérgio. *Discriminação Racial e Justiça Criminal em São Paulo*. *Novos Estudos* (43): 1995.

^{iv} Silva, Jorge da. *Violência e racismo no Rio de Janeiro*. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 1998.

^v Waiselfisz, Julio Jacobo. *O Mapa da Violência: Os Jovens do Brasil*. Unesco: Brasília, 2006.

^{vi} Abdias do Nascimento. *O genocídio do negro brasileiro : processo de um racismo mascarado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

^{vii} Adorno, Sérgio. *Discriminação Racial e Justiça Criminal em São Paulo*. *Novos Estudos* (43): 1995.

^{viii} Silva, Jorge da. *Violência e racismo no Rio de Janeiro*. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 1998.